



ORDENAÇÃO DIACONAL DO SEMINARISTA AIRTON FERNANDES DE OLIVEIRA

Pelo dom da graça de Deus, tornei-me ministro do Evangelho (cf. Ef 3,7)

(Leituras: Nm 3,5-9; Sl 95; Ef 3,2-12; Jo 15,9-17)

Paróquia São João Paulo II (MOC), 31/08/2024

Saúdo os irmãos no ministério sacerdotal, a quem agradeço pela preciosa colaboração no nosso ministério episcopal; saúdo os diáconos permanentes e transitórios, em cujo ministério contemplamos a vocação diaconal de toda a Igreja; saúdo os religiosos e religiosas, os seminaristas e vocacionados em processo de discernimento; saúdo os que vieram das comunidades por onde passou o seminarista Airton, bem como os visitantes, os amigos e familiares dele. Saudação particular e afetuosa ao querido seminarista Airton, de quem ouviremos em breve o sim ao ministério ordenado no grau de diácono.

Não nos é difícil definir o ministério diaconal. Podemos apresenta-lo como o carisma do serviço. O diácono é servo da Palavra, do Altar e da Caridade. É o dom que Deus quer dar a quem se sente vocacionado a uma vida oferecida ao anúncio da sua verdade, ao cuidado das coisas santas e à vivência do cotidiano lava-pés da vida cristã. Definições, contudo, são fáceis. Nós as encontramos nos bons dicionários ou nos lábios versados dos estudiosos. Porém, saber o que é um estado de vida ou uma vocação qualquer não significa ter consciência e maturidade vocacional. Por vezes, conhecemos nossos “papéis” sociais e eclesiais, mas não damos conta deles, não os levamos a sério, não os assumimos com o testemunho devido. Conhecer e abraçar uma vocação de especial consagração a Deus, como hoje Airton faz, exigem guardar o mandamento Jesus, permanecer no seu amor, ser escolhido por Ele, dar fruto por ser amigo d’Ele.

Hoje queremos nos perguntar o que significa para o Airton e para a nossa Igreja este primeiro grau do sacramento da Ordem que estamos conferindo a este nosso irmão. Diaconado, presbiterado e episcopado são os três graus do sacramento da Ordem, que configuram aquele que os recebe ao Cristo, servo, sacerdote e pastor. Celebrar este sacramento é, portanto, remeter a Cristo, de forma mais perfeita e íntima, aqueles batizados que, chamados pelo Senhor, aceitam e assumem uma conformidade mais estreita com Jesus, o grande, modelar e primeiro servidor de todos, e que torna amigos seus os que queiram servir como Ele. Isso não para mero bem ou realização pessoal, mas para o bem da Igreja, do corpo eclesial inteiro. “Cada um recebe o dom do Espírito para o bem de todos”, diz São Paulo. Para o bem de todos! Nenhum dom ou ministério é para prestígio ou engrandecimento individual. Seria carreirismo se assim o fosse! Mas é para o bem do corpo todo. Ganha o corpo, ganha a Igreja com o carisma e o ministério de cada um dos seus membros. Estamos para ordenar o Airton, mas quem ganha por primeiro é a nossa Igreja. O diácono Airton haverá de ajudar nossa Igreja a ser mais

servidora, a ser mais atenta e zelosa com a Palavra de Deus, com os santos mistérios e com o amor fraterno. O Airton ganha. A Igreja ganha. Todo dom é comunitário, é eclesial. O mistério de Deus precisa alcançar todos os corações, lembra São Paulo. Há “pagãos” (para usar a palavra do apóstolo) neste tempo que esperam o anúncio do nome de Jesus e a salvação que Ele oferece. Há muitos que foram batizados e se perderam nos caminhos do mundo. Há os indiferentes, os que se afastaram da Igreja, os que perderam a fé. Há muitos que desejam penetrar o mistério no qual foram apenas e superficialmente introduzidos. Há lugar e necessidade do ministério do anúncio querigmático da fé. Precisamos de servos dos mistérios de Deus. Precisamos de quem cuide dos irmãos vulneráveis, esquecidos, relegados às beiradas, e faça isso em nome de Deus e com o amor de Jesus, e não por outra motivação. Eis, Airton, teu ministério. Ele é útil, é necessário, é urgente. A diaconia de toda a Igreja também. A Palavra santa de Deus precisa ecoar. Os mistérios de Deus precisam iluminar e esclarecer os mistérios humanos. O amor ético e evangélico precisa alcançar as vidas em risco, em descarte, em exclusão social e eclesial.

O gesto sacramental da imposição das mãos e as palavras de consagração darão nova configuração humana e espiritual ao Airton, mas não o tornam perfeito e completo neste ato inicial. Estes gestos da Igreja sobre ele o capacitam para ouvir melhor o Senhor que bate, mas se a porta do seu coração se mantiver fechada, ele será apenas alguém que come sozinho, que quer desempenhar um serviço vivido erradamente a modo simplesmente humano e individual.

“Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir minha voz e abrir a porta, eu entrarei na sua casa e tomaremos a refeição, eu com ele e ele comigo”. Este é um fragmento precioso da carta ao Anjo, ao Pastor da Igreja de Laodicéia, no capítulo 3 do livro do Apocalipse de São João. Facilmente percebemos que é um convite à intimidade da mesa, da casa, da vida, do coração: entrar e sentar juntos à mesa. É uma proposta, um convite, um chamado que esperam resposta. É um bater que aguarda o movimento de abertura da porta. É um desejo de afeto que aguarda reciprocidade. É um convite à vida de intimidade com o Senhor que bate. Não se pode deixar de abrir a porta sob o risco de perder a amizade mais preciosa que se poderia cultivar: a amizade com Deus. “Vós sois meus amigos se praticais o que vos mando. Já não vos chamo servos [...], mas vos chamo amigos”. Não basta servir. É preciso servir como amigo de Jesus, como íntimo d’Ele, com o amor d’Ele, por ter sido antes amado por Ele.

Se abrir a porta e cear com aquele que bate, então este diácono entrará na escola daquele que veio para servir e não para ser servido. Na intimidade da vida espiritual e na mesa do coração, Cristo Servo haverá de ensinar como se serve, a quem se deve servir e em que medida servir. Servir e não tyrannizar. Servir mais para ser o primeiro,

para ser amigo de Jesus. Estar no meio dos demais para servir e não para dominar. Servir como missão, com gosto, com alegria, com sabor, com oferecimento generoso de si, assim como Jesus. Servir como ofício de amor, serviço de amor, reciprocidade de amor. “Amai-vos uns aos outros **como** eu vos amei”. Amar como fomos amados, na medida de amor que recebemos: “**COMO** eu vos amei”. A motivação certa para o serviço vem da intimidade do diácono com Cristo, que o amou primeiro, amou até dar a vida por ti, Airton, e por todos. A Igreja ama e serve porque primeiro foi amada e aprendeu do seu Mestre a vocação de servir.

Tudo isso deve fazer ecoar hoje de novo no coração de todos, a partir da celebração do chamamento deste irmão ao ministério diaconal, a urgência e a necessidade inadiável de uma fecunda vida espiritual, uma permanente intimidade com o Senhor que bate, entra e ceia com o discípulo que lhe abre a alma e o coração vocacionado à amizade com Deus e ao serviço dos irmãos. Nunca aprenderemos a servir como devemos sem abrir a porta e ceiar com Jesus numa envolvente e incandescente vida espiritual.

Lembro-me ainda das palavras que escrevi por ocasião da minha ordenação episcopal há mais de dez anos: “Sinto que devo, como bispo, cuidar dos irmãos que cuidam dos demais irmãos, isto é, cuidar dos sacerdotes [e diáconos] e reacender sempre em cada um o encantamento e a paixão pelo Mestre e pela missão. Isso implicará num cuidado que terá como eixo a via espiritual, via capaz de reorganizar nossos afetos, nossos desajustes, nossas pobreza, nossas misérias humanas, e capaz de preenchê-los com um amor sempre novo e gracioso, que vem de uma experiência fecunda e revigorante de Deus, e que nos capacite para começar sempre de novo, sem perder o vigor, a criatividade, o elã, o encanto do nosso chamamento e do nosso primeiro amor posto na direção de Deus”. O diácono, o padre, o bispo precisam ser homens habitados por Deus, homens que habitam em Deus, que permanecem no amor de Deus.

Assim escreveu São João Paulo II, em 1992, na exortação apostólica sobre a formação dos sacerdotes (Pastores Dabo Vobis): A vida espiritual de quem se prepara para o sacerdócio é dominada pela “procura de Jesus”, pela procura e pelo “encontrar” o Mestre, para o seguir e permanecer em comunhão com Ele. Também ao longo do ministério e da vida sacerdotal, esta procura deverá continuar já que é inesgotável o mistério da imitação e da participação na vida de Cristo. Assim o sacerdote deverá continuar cotidianamente este “encontrar” o Mestre, para transmiti-lo aos outros, ou melhor ainda, para despertar nos outros o desejo de procurar o Mestre. É preciso “permanecer” nele e no seu amor. É preciso ficar com ele, habitar com ele, como André e um outro discípulo no quarto evangelho (cf. Jo 1,39).

Eis, Airton, o que esperamos ver resplandecer em ti: uma vida espiritual que revele tua intimidade e tua amizade com o Senhor e seja capaz de despertar essa mesma

intimidade em quem partilhar teu caminho de missão. Cuida, como bom levita, da “morada de Deus”, que é a Igreja e o coração de cada ser humano. Sê ministro do Evangelho da vida, da verdade, da salvação. Eis o sentido, a motivação e o conteúdo do teu ministério diaconal.

Esta espiritualidade não pode faltar. Vácuos de espiritualidade geram vocações frustradas, ações pastorais insossas, vazios existenciais. Muitos dos nossos irmãos no ministério perderam sua vitalidade, seu zelo, sua ternura paterna, seu amor à vocação, seu amor pelo povo de Deus, sua alegria interior, sua fidelidade aos compromissos assumidos porque deixaram de abrir a porta ao Senhor que bate. Convido a todos a oferecer esta Eucaristia pelos irmãos, sobretudo os ministros ordenados e os consagrados, que vivem na frieza espiritual. Nós perderemos nosso equilíbrio humano, espiritual e vocacional quando, ocupando-nos de muitas coisas, não ouvimos a batida da porta ou julgamos que não dava para atender ao Deus que batia. “Marta, Marta, tu te ocupas com muitas coisas. Maria escolheu a melhor parte e esta não lhe será tirada”. Cuidado com nosso dinamismo martano. O Papa Francisco já nos alertou sobre isso. São Gregório Magno escrevera na sua Regra Pastoral: “que o pastor não deixe, nas suas ocupações exteriores, enfraquecer seu cuidado com a vida interior; e que na sua aplicação à vida interior, não negligencie o cuidado das ocupações exteriores. Dedicando-se completamente e apenas às atividades exteriores, ele se exaurirá interiormente; ocupando-se somente das atividades interiores, não procurará exteriormente o que lhe é devido para seu próximo. Parecendo esquecer que foram colocados à frente de seus irmãos e responsáveis pelas suas almas, alguns se dedicam frequentemente, com paixão, apenas aos afazeres do mundo”.

Caro Airton, irmãos e irmãs, vivendo a diaconia da verdade, do culto sincero a Deus e do amor fraterno e verdadeiro, que o mundo não reconheça nossa competência e operosidade antes de enxergar primeiro nossa espiritualidade e nossa fé em Cristo. Antes, porém, de nos reconhecerem pelo que fazemos, reconheçam-nos pela nossa pertença e nossa intimidade com Cristo, que haverão de transparecer no modo como nos dedicamos às pequenas e grandes causas. Que nossa vida espiritual, alimentada pelos sacramentos, pela leitura orante da Palavra de Deus, pela solícita compaixão pelos irmãos, pela contemplação adorante do Senhor, pela sadia devoção mariana, nos mantenha de pé nas tribulações, revigore-nos no cansaço, sustente-nos na diaconia cotidiana de fazer o que o Mestre fez e nos mandou fazer. Amém.


Dom José Carlos de Souza Campos

Arcebispo Metropolitano de Montes Claros-MG